

DEUS E PATRIA

BOLETIM APPROVADO E ABENÇOADO POR SUA EX.^{ta} REV.^{ma}

ARCEBISPO PRÍMAZ

Director, Editor e Administrador — Sub-di-

r. Alves Sampaio

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—Belinho—ESPOZENDE

PROPRIEDADE DA EMPRESA—DEUS E PATRIA

Composto e impresso na Typographia Viziense—Rua Silva Gajo, 42 a 46—VIZEU

O EVANGELHO

Domingo 12.^o depois do Pentecostes

N'aquelle tempo, Jesus, voltando-se para seus discipulos, disse: Bemaventurados os olhos que vêem o que vós vêdes; porque vos digo: muitos prophetas e reis quizeram ver o que vós vêdes e não o viram, e ouvir o que vós ouvis e não o ouviram.

E eis que um doutor da lei se levantou para o tentar e disse:

Mestre, que devo eu fazer para possuir a vida eterna?

Jesus lhe disse:

Que é o que está escripto na lei? como é que tu lês?

Elle respondendo disse:

Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento e ao teu proximo como a ti mesmo.

E Jesus lhe disse: Respondeste bem: faze isso e viverás.

Elle porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus:

E quem é o meu proximo?

E Jesus, proseguindo, disse:

Um homem descia de Jerusalem a Jericó e cahiu em poder de ladrões, que tendo-o despojado, e depois de o haverem ferido, se retiraram, deixando-o meio morto.

Aconteceu porém que passava pelo mesmo caminho um sacerdote, e, vendo-o, passou de largo.

Assim mesmo também um levita estando perto d'aquelle lugar e vendo-o, passou também de largo.

Mas um samaritano que por alli viajava, chegou perto d'elle e, vendo-o; commoveu-se de compaixão.

E approximando-se ligou as suas feridas, deitando n'ellas oleo e vinho e pondo-o sobre o seu jumento o levou para a estalagem e teve cuidado d'elle.

E no outro dia tirou dois denarios, deu os ao estalajadeiro e lhe disse:

Toma cuidado d'elle: e quanto

gastares a mais, eu t'o satisfarei quando voltar.

Qual d'estes tres te parece que foi o proximo d'aquelle que cahiu em poder dos ladrões?

O doutor respondeu: O que usou da misericórdia para com elle.

E Jesus lhe disse: Vae, faze tu o mesmo.

(Luce, cap. X, ver. 23 a 37.)

REFLEXOES

A parábola que acabamos de ler neste Evangelho chama-se do Samaritano e, no sentir dos Santos Padres, que com os seus immortaes escriptos nos têm alimentado na fé, significa o seguinte:



O viajante de que o Evangelho nos falla representa o homem, a humanidade, que se dirige ao seu destino, ao seu fim. Este viajante, Adão e todo o genero humano, foram collocados por Deus no Paraiso, mansão de paz e de felicidade. Por isso se diz na parábola que o viajante partira de Jerusalem, que significa *visão de paz*.

O caminho do homem devia ter sido desde o Paraiso até á Gloria; porém, desgraçadamente, foi do Paraiso a Jericó que significa *lua*, que é o astro da noite, susceptivel a muitas mudanças e phases. O homem, a humanidade, com o peccado original, cahiu no presente desterro que, com razão, na parábola se chama Jericó. Porque, assim como na lua ha muitas alternativas, assim aqui o espirito passa da alegria á tristeza, do bem

estar á dor, e o corpo, da saúde á enfermidade.

No caminho d'este desterro, os ladrões da alma, os demonios, assaltam o homem e deixam o seu espirito n'um estado miseravel, do mesmo modo como os salteadores deixaram o viajante de que nos falla a parábola. A humanidade n'este estado encheu-se de erros e peccados sem conto, que a historia e a consideração da presente sociedade manifestam claramente.

Junto da humanidade têm passado os sabios do paganismo e do livre pensamento, e suas falsas theorias e erros em nada alliviaram a sociedade. Passaram por ella (humanidade) como os primeiros individuos que passaram pelo ferido do Evangelho e que nenhum conforto lhe prestaram.

Porém, vem o celestial Samaritano; Jesus Christo Nosso Senhor e pára detendo-se perante a humanidade, cahida ao abandono, meio morta e curvada com o vinho do seu sangue precioso que na Cruz derrameu por nós, com o oleo da graça que corre dos sete Sacramentos a conduziu á hospedaria da Igreja e allí deu poder ao Papa, aos Bispos e aos sacerdotes que cuidassem da humanidade desventurada.

Tambem lhe deixou duas moedas, quer dizer, a graça e a revelação; a graça com que a Igreja rebustece o seu espirito, para continuar a sua missão, apesar de todas as ingratiões humanas; e a fé, para fortalecer a sua intelligencia contra todos os escolhos do erro.

Desde então, a Igreja é a mestra infallivel da verdade e a fonte unica, autentica da verdadeira caridade.

Desgraçados os povos que buscam a luz fora do reino da Igreja e a caridade fora do seu maternal coração. As tristezas e enfermidades tortora-lhes não n'esta vida sem o balsamo da esperanza; elles caminharão de abysmo em abysmo até cahirem no precipicio do Inferno.

Dois conclusões praticas devemos tirar d'este Evangelho. Todos nós repre-

sentamos o homem roubado e ferido que a parábola nos aponta, somos realmente a sua figura. Por conseguinte para ganharmos alívio, coragem e saúde, recobamos como remédio, frequentes vezes, a Sagrada Comunhão e ouçamos a explicação do Evangelho que são os grandes, os verdadeiros remédios que Jesus Christo deixou a Igreja para curar as feridas do nosso espirito.

Depois enchamo-nos de caridade para com o nosso proximo. Alarguemos as nossas mãos para com os necessitados, perdoemos as injurias, oremos com fervor pelos desgraçados que gemem debaixo dos grilhões do peccado mortal.

A imprensa liberal e immoral fazem as vezes dos ladrões do Evangelho, roubando a sociedade a graça, a fé, a moralidade. Fugamos d'ella como do veneno e guardemo-nos como do fogo que ameaça devorar vidas e propriedades. Assim, cá na terra, viveremos com vida tranquilla, e depois, no Céu, com vida feliz e eterna.

FLORILEGIO

S. Luiz

Luiz IX, rei de França é um exemplo de quão preciosa é a acção educadora d'uma mãe christã. Apenas contava nove annos o joven príncipe, quando perdeu seu pae; foi, portanto a sua mãe, Branca de Castella que ficou pertencendo o encargo de formar o futuro rei de França. D. Branca desempenhou-se tão bem da sua missão que não só fez do seu filho um soberano exemplar mas lhe deu as virtudes para conquistar a corôa da santidade.

Aos 20 annos, S. Luiz cahiu enfermo, pensando n'esse momento em se escapasse, recuperar para a christandade a cidade de Jerusalem.

Livre da doença tratou de realizar o seu voto, preparando a Cruzada ao Oriente.

Organizou um grande exercito que atravessou o Mediterraneo e foi defrontar-se com os sarracenos ao norte do Egypto. No primeiro impeto os christãos puderam em fuga os sectarios de Maoma, mas depois o exercito christão foi atingido por uma grande calamidade, uma peste horrível que fez milhares de victimas, dizimando as tropas e desanimando-as. O exercito foi derrotado e S. Luiz foi feito prisioneiro.

O Santo supportou este revez com nobre coragem. Vieram a compôr-se as coisas com os sarracenos, sendo então o rei posto em liberdade.

Cinco annos permaneceu S. Luiz no Oriente, entregando-se durante esse tempo ao exercicio de caridade. Muitos foram os christãos que remiu, muitos os infieis que converteu, e reconstruiu a sua custa algumas cidades christãs.

A morte de sua santa mãe, obrigou-o a voltar á França, onde inteiramente se consagrou á piedade.

Edificou muitos mosteiros e hospícios. Soccorria os necessitados, visitava os doentes, fornecendo-lhes tudo quanto necessitavam, e fazendo mais: elle proprio os servia e tratava como o mais carinhoso dos enfermeiros.

O seu vestuario era cheio de modestia, a sua alimentação parcissima, vehementemente o desejo de mortificação.

Deus o ouviu, pois tendo organizado uma segunda expedição contra os sarracenos, veio a fallecer d'um ataque de peste, ja quando os acampamentos de ambos os exercitos se defrontavam, a tudo estava prompto para se entrar em batalha. O seu corpo foi transferido para o templo de S. Dionysio em Paris. Foi canonizado por Bonifacio VIII.

CONSEQUENCIAS D'UMA GRÉVE

O artigo que a seguir vamos publicar, transcrevemo-lo, com a devida venia, do nosso estimado collega de Lisboa *A Época*.

E' de tão flagrante actualidade, que, apesar de grande, resolvemos publicá-lo, pois o nosso desejo é concorrer quanto possivel para restabelecer o equilibrio social tão abatado pelas convulsões dos ultimos tempos.

Ei-lo:

«A Rosa tinha sido nossa creada nos tempos da meninice.

Ficamos sempre bons amigos e como é da praxe, compadres, porque a Rosa casará lá de casa, como antigamente acontecia ás credas que se orgulhavam de servir durante uns poucos d'annos os mesmos patrões.

Hoje já não ha d'isso:

O que ha são umas *cavalheiras* que vêem hospedar-se nas nossas casas durante dois ou tres dias, para costovilha-rem a nossa vida, partirem a nossa louça e *bolcheviscarem* o que pudorem— tudo pela modica quantia de dez ou doze mil reis por mez...

Mas a Rosa era d'outros tempos— dos tempos em que as creadas sabiam a passar de quinze em quinze dias com o seu vestido preto de papo claro, onde o cordão de ouro resplandecia, attestando uns poucos de annos de trabalho e de economia.

Casara com um *guita*, como antigamente se chamava aos da Guarda Municipal.

N'uma folha de papel azul celeste, embe uma pombinha voava sobre duas mãos unidas no meio d'uma corcadura de flores, foram presentes á Rosa, em estylo ultra-poetico, as intonções respeitadas d'aquelle que aspirava a unir-se á sua vida pelos laços do matrimonio.

Commovida e encantada a Rosa aconselhou-se com os patrões; e, mezes depois, o Manoel dava baixa da guarda e entrava para os Caminhos de Ferro e para o numero dos casados.

O *menage* de Rosa era um mimo de asseio e de compostura— um pequenino eden de felicidade.

Ella ajudava-o trabalhando tambem. E do ganho dos dois sobravam sempre uns tostões para irem todos os annos á terra, pelas festas da Senhora do Livramento, vêrem a romaria e os velhotes.

Sempre que passavamos a porta da Rosa, com uns minutos livres, baliámos para os vêr e dar uns bolsos á affilhada.

—Olha, é o menino!... Entre, compadre entre...

E a Rosa e o Manoel recebiam nos

muito alegres, muito felizes, gritando á petiza, á Julita, que limpasse a bôcca, toda lambuzada de pão com manteiga, para beijar a mão ao padrinho.

—Ora o menino! há que tempos que cá não vinha... E como está a mamã e os manos?... Eu ha que tempos ando para lá ir... E a tia Conceição, melhor-sinha?... Coitada!... Ella já tem muita idade, pois não tem, ó menino? Ora vêjam!...

E as perguntas e as exclamações de Rosa succediam-se, tratando-nos sempre por *menino*— dando-nos assim a illusoria impressão d'uma meninice que já ia longe...

*

Pois uma tarde d'estas batemos de novo á porta de Rosa, onde já não iam ha quasi um anno.

—Olha, é o menino...

Entramos; e pela primeira vez vimos aquella casa em desarranjo.

A Rosa tinha envelhecido dez annos; o Manoel com a barba por fazer cuspi-nhava para um canto, chupando a ponta d'um cigarro,

—Olá! compadre... Então como vão? E a Julita... Anda dá... Estás magrinha...

—Está, está... Isto, menino, temos andado com azar...

—Então que tem sido?

—Coisas, compadre... Azar... Macaca... —e o Manoel mettendo as mãos nos bolsos encolheu os hombros com fatalidade.

—Ah! sim, a grêve... Você tambem está em grêve?

A Rosa chegou-se n'uma confidência.

—O menino sabe lá o que tem sido...

—Se o compadre não repara eu tenho que ir á Associação, para saber o que resolveram...

—Vá, Manoel, vá... Eu tambem pôtico me denloro...

Escutámos então n'um tom amargurado:

—Ah! menino que desgraça que entrou na nossa casa... O Manoel que era tão bom, tão trabalhador, metteram-lhe não sei que na cabeça... Já esteve preso; e ha quasi dois mezes que não ganha emco reis... Depois o meu cunhado que veio tambem dá para casa desempregado... Tudo para ajudar, menino...

—Mas o teu cunhado...

—Era da Fabril e ganhava bem... Mas metten-se n'umas coisas... Uma desgraça... Depois andou fugido... E agora ninguem lhe quer dar trabalho por causa das ideias politicas que tem...

—Mas o que é elle?...

—Eu não sei, menino. E' lá d'essa coisa dos russos... E o peor é que tem dado cabo da cabeça do Manoel...

A Rosa fez uma pausa para limpar as lagrimas.

N'aquelle rosto tão alegre e sadio n'outros tempos, já havia rugas de sofrimento—signaes talvez de fome...

—E como têm vivido vocês...

—Tem-se ido empenhando e vendendo, mas agora já não ha que...

E n'uma invocação de dôr a pobre Rosa juntou:

—Lembra-se, menino, como era antigamente a minha casinha...

Reparamos então que havia falta de moveis—a comoda grande onde sol re

um panno bordado com complicado mau gosto se perfilavam duas jarras de ker-
masso ladeando uma caixa feita de bu-
chos e conchas ; o *toilette* de espelho, a
máquina de costura tudo tinha desappa-
recido.

—Mas porque não fazes vér ao Ma-
pel o caminho errado por onde vae...
—Ella era tão teu amigo, e da pequena...

—Não me ouve—e acrescentou n'um
—Até já me bateu... Anda com
cabeça tanta lá com uma ideia... Que
agora já vae estando arrependido,
diz que tem de ir com os compa-
heiros até ao fim... Não sei menino,
se se isto continua mais tempo...

Este quadro—quadrô verdadeiro que
e que palpita de soffrimento inten-
—ahi—é como tantos outros o producto
das doutrinas avançadas que anarchisam
sociedades e destroem a felicidade
das lares.

O caso que fica apontado não é uma
—Existe. E semelhante a elle e
pelas mesmas causas ha milhares espa-
—por todô o paiz.

Mostra-lôs, desnudando-os nos seus
—de dor e de aniquilamento ;
—videncia-os na sua evolução de marty-
—descarna-lôs de todas as suas illu-
—mentirbasas, é um dever dos que
—queiram concorrer para restabelecer o
—equilibrio social tão fortemente abalado
—pelas convulsões dos ultimos tempos.

É indispensavel que o operário veja
—estes exemplos para que se convença
—*presença de factos* do abyssmo para
—que caminha : para que *sinta a men-*
——tra, para que *compreenda o erro*.

O *bolchevismo* que não é mais
—que a compilação de todas as theo-
—democraticas, socialistas e anarchis-
—reunidas n'um só volume, está hoje
—dominando o mundo e obrigando já mui-
—dos seus obreiros a fazer contra-va-
—por com medo da própria obra.

Supondo mesmo que a anarchia seja
—promovida pela força das armas, como
—está succedendo na Russia e na Hungria
—mal ficará latente se não completarem
—sua destruição, educando e instruindo
—o povo nos principios da moral, fazen-
——do resurgir de novo a Fé, incutindo-
——outra vez o amor da familia, fazen-
——do comprehender qual é a verdadeira no-
——da liberdade. Só assim, colocando
—o seu logar todas as peças d'este gran-
——machinismo, que se chamam as socie-
——dades, o seu funcionamento poderá ser
—regular e perfeito. Do contrario não.

O que aconteceria a um individuo que
—quizesse dar ao estomago o papel de pen-
—e ao cerebro a missão de digerir ?
——teimasse em alimentar-se pelos pés
—em respirar pelas costas ?

Evidentemente mofraria porque cada
—ação tem a sua missão especial a de-
——empenhar por ter sido creado para esse
—m. Trocar-lhe as funcções é inutilisa-

O mesmo succede nas sociedades, on-
—cada individuo deve desempenhar a
——missão para que se encontra prepara-

N'este principio basilar é que se criam
—grandes competencias pelo aprofetio-
——mento das classes, e se fortalecem os ca-
——racteres pelo respeito mutuo que se es-
——tabelece.

Quedamo-nos a pensar assim uns mi-
—nutos, estranhos, absortos, fitando sem
—vér, as lagrimas de Rosa, que corriam
—serenas pelas faces macilentas da infel-
—liz.

O bem-estar, a alegria, o conforto
—do viver mediano e regular que outr'o-
—ra aquelles tectos abrigayam, tinha des-
—apparecido, no furacão d'uma grêve—
—em nome de uma exigencia absurda e
—impraticavel.

A tarde vinha cahindo. Os ultimos
—clarões do sol batiam ao longe na casa-
—ria alta da cidade. A um canto, a Julita,
—com o olhar mortico, brincava sem viva-
—cidade, indifferente, como aclimatada já
—ao fatalismo d'aquella atmosphaera de
—miseria.

O Manuel voltou.
—Pedimos-lhe para nos procurar no dia
—seguinte para conversarmos.

—Está combinado, compadre ?...
—Ahi pelo meio dia, você appareça.

Prometteu.
—E agora dê alli um beijo na Rosa,
—coitada...

Um soluço mais forte sahi-lhes da
—garganta.

Beijaram-se—e uma lagrima indis-
—creta bailou-lôs na vista.

Que pieguice ! Nós que pensavamos
—já não saber chorar...»

A MÁ LINGUA

É uma grande falta de educação, e
—não nos cançamos de o repetir, o fallar
—mal.

De sentimentos baixos e reles (pois
—não ha outro termo) é o individuo que
—tem a lingua habituada a revellar a im-
—mundice das paixões desordenadas em
—que a sua alma anda enxolta.

Terrivel é a condição d'aquelles que
—se não corrigem, enquanto é tempo,
—porque lá estará um dia o Supremo Juiz
—que lhes pedirá restrictas contas do mau
—desempenho que fizeram dos seus senti-
—dos.

Todas as pessoas habituada a fallar
—mal e indecentemente, sobretudo pala-
—vras que offendam a honestidade e hon-
—ra das pessoas, as que proferem here-
—sias, ou ainda as que vulgarmente cha-
—mamos pragas, essas pessoas, por natu-
—reza, estão já classificadas no meio so-
—cial.

O desprezo por ellas deve ser abso-
—luto. As suas más qualidades, por más
—que as queiram occultar, salientam-se
—sempre.

Quem assim procede dá a conhecer,
—geralmente, a má vida em que vive ; se
—é casado, má deve ser a sua conducta
—para com a esposa, e para com os filhos,
—se os tiver. Infelizmente ministra-lhes o
—mau exemplo e d'estes, disse Jesus Chris-
—to, quando acafiava as creancinhas :
—«O que scandalizar uma d'estas crean-
—ças, melhor lhe fóra que se lhe pendu-
——rasse ao pescoco uma mó de moíno, e
—que o lançassem no fundo do mar».

Além d'isso, não só repelle e regei-
—ta, como também ataca as verdades ca-
—tholicas, os preceitos da Igreja e Manda-
—mentos da lei de Deus, gravados na sua
—alma, os quaes tenta esquecer, para me-
—lhor conseguir os fins depravados das

suas paixões. A sua vida é toda libidino-
—sa e de prazeres.

Desgraçadamente a nada attendem
—nem sequer aos horrosos e miseraveis
—exemplos que a cada passo se vêem, re-
—sultados da vida corrupta e livre em que
—vivem.

Tudo isto, geralmente, se nota, co-
—mo já dissemos, em pessoas habituadas
—a má lingua.

Evitem, pois, o fallar mal, o proferir
—palavras deshonestas, heresias, pragas,
—etc.

Convengam-se de que a lingua é um
—orgão do nosso corpo o qual Deus creou,
—e como tal, só deve servir para o lou-
—var e engrandecer.

Notas ligeiras

É motivo para se ficar de bôcca
—aberta : os allemães começam bem, pois
—já baixaram os generos 50 % e pro-
—mettem torna-las cada vez mais baratos.

Alli as subsistencias tornaram-se ba-
—ratas e faceis. Entre nós, parece que es-
—tão encantadas ou antes são atrahidas
—pela bôcca do crocodillo ; em vez de des-
—cerem, sobem cada vez mais. É um cas-
—tigo ; não sahimos da sêpa torta ; e esta-
—mos a vér que não ha meio de se endi-
—reitar.

O nosso governo parece andar devé-
—ras atrapalhado com o envio de 50 mis-
—sionarios que a Inglaterra mandou pa-
—ra Moçambique.

Agora, pelo visto, tambem quer mis-
—sionarios para enviar aquella provin-
—cia ; mas como hão de elles apparecer
—se os espantaram ? Justo castigo de
—Deus...

O sr. Pedro Martins, ministro de
—Portugal junto da Santa Sé, offerreceu
—um almoço no Avenida Palace ao Nun-
—cio Apostolico, tendo assistido, além do
—auditor e secretario da nunciatura, os
—srs. presidente do ministerio, ministros
—dos estrangeiros e justiça, dr. Domi-
—ngos Pereira, Julio Martins, Gangaes
—Teixeira, Costa Cabral e senador ca-
—tholico sr. Dias de Andrade.

O sr. Brito Camacho diz na «Lu-
—cta» que, sendo as receitas orgamentais,
—perto de 114 mil contos, por muito fel-
—izes nos daremos se as despezas no fim
—do corrente anno economico não forem
—muito alem de 240.000 contos. Como se
—vê, não pôde ser mais risonha a perspe-
—ctiva que se nos offerece ! Com mais meia
—duzia de padres descestrados, duas pro-
—cessões prohibidas, e algumas priebes de
—gaiatos que vendam o retrato de Sido-
—nio Paes, resolve o governo este difficil
—problema.

ADIVINHA POPULAR

Sou uma pobre envergonhada
—Em qualquer canto melida
—Trabalhando noite e dia,
—E dô trabalho que faço
—Inda curo alguma frida ;
—E ainda ha quem de mim diga,
—Sem compaixão nem vergonha :
—Fugi d'ella, tem peçonha.

Decifração da anterior:—Albarda.

JESUS

Jesus crucificado, abre os teus olhos do alto d'essa cruz!
d'esta nova Babel salva-nos todos!
acoda-nos, Jesus!

N'este dia solemne em que as cidades só deviam chorar,
ferve em odios o mundo; e passa o homem sem ver o teu penar!
Do norte ao sul, da Assyria ao Novo-Mundo,
no dia da afflicção
a voz de alarme só responde aos psalms do santuario christão!
Se o florido pomar vestisse luto,
soubera a tua dôr!
e se as aves do ceu vertessem prantos,
Choravam-te, Senhor!

O homem perde as crencas, como perde as flôres um jardim!...
Em se finando a derradeira crencça,
que ficará por fim?!

Jesus! se o mundo se agita,
dá-me o descanso, Jesus!
faz-me grama parasita
encostado ao pé da cruz.

Faz-me insecto da ramada
que ninguém vê na amplitão;
quero, á sombra do meu nada,
perder-me na solidão.

Faz-me fonte na serra
que ninguém bebe, nem vê;
tira-me os mimos da terra,
Mas dá-me as crencas e a fé!

Que eu sinta sempre o teu nome
misturar-se aos prantos meus;
que eu possa morrer de fome
abençoando-te, ó Deus!

Thomaz Ribeiro

ESTAMPAS RELIGIOSAS

ULTIMAS NOVIDADES

Santinhos próprios para registos de livros e para premiar as crencas da catechese e 1.^a communhão, grande variedade a 800, 1\$000, 1\$600 e 3\$500 reis o cento.

Postaes illustrados, com imagens do S. Coração de Jesus e S. Coração de Maria, Anjo da Guarda, Santo Antonio, Senhora de Lourdes, Familia Sagrada, Santa Thereza, A Ceia dos Apostolos, etc., a 40 reis cada.

Estampas coloridas, proprias para encaixilhar: Coração de Jesus e Coração de Maria; S. José, S. Francisco, Bom Pastor, S. João, Santo Antonio, S. Luiz Gonzaga, Santa Thereza, etc., etc.

Formato 19 x 26—a 80 reis cada
> 32 x 42—a 200 reis >

A Ceia dos Apostolos, varios tamanhos, a 200, 400 e 1\$200 reis cada.

Coração de Jesus e Coração de Maria, coloridas, formato 48 x 63, a 600 reis cada.

Magnificas estampas em phototipia, com o formato de 60 x 77. 2\$800 reis cada.

Muitas outras estampas, com diferentes tamanhos e imagens, a preços modicos e variados, acabam de chegar ao Estabelecimento de Artigos Religiosos de Alfredo Paes P. dos Santos—VIZEU.

UM EXEMPLO POR SEMANA

A obediencia ensinada pelos Apostolos

Depois que S. Pedro fez, em nome de Jesus, o milagre da cura do côxo de nascimento, teve um largo discurso deante dos judeus, demonstrando a divindade de Jesus e da sua religião, e obrou muitas conversões. Por isso, prenderam-no e levaram-no ao tribunal onde foi, com S. João, reconhecido innocente. Então os principes do povo recorreram a este expediente. Disseram entre si: ainda que o milagre tenha sido feito por elles (Pedro e João) e seja notorio a todos os habitantes de Jerusalem, como é evidente e não podemos nega-lo, comtudo, para que se não divulgue mais entre o povo, prohibamos-lhe que d'oravanté fallem a ninguem n'este nome; isto é, no nome de Jesus.

E assim o fizeram. Intimaram a S. Pedro e a S. João que de nenhum modo fallassem nem ensinassem em nome de Jesus.

Porém, Pedro e João responderam-lhe, dizendo: «*Se perante Deus é justo obedecer antes a vós do que a Deus, julgae-o vós mesmo*». E sem mais nada foram postos em liberdade.

Detidos novamente os Apostolos, por continuarem a pregar a Jesus, e sendo reprehendidos por não terem cumprido com o preceito que antes lhes fôra imposto, valorosamente responderam: «*E' necessario obedecer antes a Deus do do que aos homens*».

Tal é o principio fundamental da obediencia sem o qual não ha Ordem.

Quem obedece primeiro aos homens e depois a Deus, acaba por não obedecer nem a Deus nem aos homens.—E' um revoltado que só obedece ás inspirações do demonio.

CONVERSANDO

Olha o Mario!—quando vieste de Lisboa?

—Hontem á tarde; muito prazer em te encontrar. Por cá não ha novidade?

—Por cá não; a não ser o que toda a gente sabe... provavelmente já ouviste fallar.

—Eu não: então o que foi?

—Conheceste o Castro, o filho do lavrador da Freixoeir?

—Aquelle rapaz que tinhá ido estudar para a Belgica?

—Exactamente.

—Conheci... o que lhe aconteceu?

—Uma historia muito triste. O rapaz era o menino bonito da familia, que lhe não recusava a satisfação do menor capricho. Nunca lhe faltava dinheiro em abundancia e foi essa a causa da sua perdição.

Nas primeiras férias que por lá passou metteu-se a frequentar casinos, clubs, etc., e perdeu o amor ao estudo que nunca fôra grande. Aproximou-se o fim do anno, mas o rapaz em vez de se preparar para os seus exames de engenharia preparou-se para exames de... batota. Fez-se *habitué* assiduo das casas de jogo e atirou com os livros ás urtigas.

—E o pae não sabia nada?

—O pae! Pois o que havia sabido sobre o pobre homem que mal sabe ler! O filho ia-o embarrilando ás mil maravilhas, que elle fazia era mandar-lhe bons requizes para as suas despezas mensaes. O rapaz dizia-lhe que ia muito bem; já sabia mundos e fundos e o pae julgava que elle voltaria de lá um sabio.

—Pobre homem!

—Sim, pobre homem. Por ultimo tal supposto estudante começou a fazer pedidos extraordinarios de dinheiro, legando razões falsas. O pae foi mandado, mas da ultima vez achou forte.

—O filho pedia-lhe nada menos que tres contos de reis para, dizia elle, comprar certos apparatus, etc. D'esta vez o velho Castro desconfiou e... não mandou o cheque.

—E depois, que fez?

—Escreveu, ou antes, pediu a um amigo que tinha conhecimentos em Bruxellas para colher informações do filho. As informações foram pessimas. O rapaz só frequentava as casas de batota, tornara-se um libertino. Muito afflicto o pobre pae escreveu ao filho uma carta a guisa de mas severa ordenando-lhe que regressasse immediatamente.

Passou tempo e nada de resposta: que se passara? O seguinte: O rapaz precisava dos 3 contos para saldar uma divida que contrahira por motivos de jogo. Como o dinheiro não chegasse ao preso. Foi d'essa occasião que recebeu carta do pae. Teudo vergonha de confessar a verdade; teudo vergonha de proprio e teudo perdido a crencça salda que herdara de seus paes e que o teria salvo se a tivesse conservado... suicidou-se. Tal foi a noticia que recebeu o pobre sr. Castro. Imagina o desgosto do pobre homem.

—Mas tambem que ideia essa de mandar o filho para ahí, sem ninguem que cuidasse d'elle.

—Elle ia recomendado a um sujeito qualquer... um maçon, como se via a saber... ora foi este que o arrastou para o jogo e que o explorou.

—Que desastre! Estou certo que a teria succedido o tão grande desgraça se o rapaz tivesse sido confiado aos cuidados d'alguma casa religiosa.

—Não pela certa. Agora já não ha remedio. E é assim que acontecem muitas fatalidades semelhantes.

Calendario religioso da semana

Domingo, 31—S. Raymundo No. nato, conf.

Setembro

Segunda-feira, 1—Santa Egidio Abbade.

Terca-feira, 2—Santo Estevão, da Hungria.

(Quarto cres. ás 2 h. e 22 m. da tarde.)

Quarta-feira, 3—Santa Serapio V. M.

Quinta-feira, 4—Trasladação de Santa Rosa de Viterbo, V.

Sexta-feira, 5—S. Remulo, M. (Os pobres e quem tem os indultos dispensados da abstinencia).

Sabado, 6—S. Zacharias, prop. ta.

Ha risos mais amargos que o fel.
Padre Sequeira.